

## O ESCURO DENTRO DE NÓS: A DISCUSSÃO ÉTNICA EM “O GATO E O ESCURO” DE MIA COUTO

Aline Cunha de Andrade Silva<sup>1</sup>  
Juliana Goldfarb de Oliveira<sup>2</sup>  
Ana Cristina Marinho Lúcio (Orientadora)

**Resumo:** A infância é o momento de descobertas e reflexões acerca dos sistemas sociais e de si mesmo. A literatura viabiliza esse processo na medida em que a leitura possibilita uma abertura de sentidos e propõe uma reflexão - acerca do próprio texto e da sociedade. Segundo Machado (2001, p.77), a leitura ficcional nos obriga “a entrar na pele de um outro e entender seus motivos, nos acostumando a uma aceitação intrínseca da diversidade”. Com base nessa afirmação, a presente pesquisa pretende fomentar a discussão de questões étnico-raciais a partir da obra “O Gato e O Escuro”, de Mia Couto, e para tanto, fez-se uso das contribuições teóricas de Munanga (2005), Fanon (1952), Eco (2003), dentre outros autores. A narrativa, que está entre fábula e conto, e com uma linguagem extremamente poética, tem sua temática em volta do medo do escuro. As ilustrações de Marilda Castanha dialogam com o texto, contribuem para que a criança tenha outra percepção da cor escura, e em consequência, da cultura africana, representada em nosso cotidiano de modo negativo. Espera-se que a reflexão da obra estudada possa contribuir para estabelecer valores estéticos e éticos à criança, desenvolvendo sua sensibilidade para a diversidade étnica, e afirmação da africanidade.

**Palavras-chave:** Literatura africana; Literatura infantil “O Gato e o Escuro”; Africanidade.

### Introdução

A linguagem coloquial e o uso de neologismos marcam a construção poética do conto *O gato e o escuro*, de Mia Couto. A narrativa que tem com protagonista o gato Pintalgo, cuja cor original é amarela e se metamorfoseou em preto, em virtude do susto que teve ao ultrapassar a linha do pôr do sol e se defrontar com o escuro. O livro - ao misturar poesia, filosofia e psicanálise - proporciona reflexões acerca dos medos, desejos e da existência humana. A simbologia da mudança de cores se relaciona com o medo do desconhecido, o inconsciente, e a procura de sua completude na reflexão da sua imagem no Outro.

As metáforas que permeiam o texto trabalham o fascínio pela transgressão dos limites e pelo proibido, coisas que seduzem mas que também assustam crianças e adultos. Através das ilustrações de Marilda Castanha, em combinação com as palavras, é alcançada uma interação poética com alma do leitor. O jogo de cores, ocre, índigo e azul noite, assim como as imagens, traduzem visualmente a significação da história e são marcadas pelo traço dos desenhos característicos da cultura africana.

O livro insere o debate em torno das ideias que construímos sobre o desconhecido e as ações e medos que decorrem do preconceito, seja em relação a coisas, pessoas ou crenças. Personalizado na figura do escuro, esse medo é fruto de uma elaboração imaginária fixada coletivamente e precisa ser desconstruído de acordo com as experiências de reflexões e vivências individuais. A literatura se constitui enquanto ponte para esse autoconhecimento e formação de autoconceitos não mais fundamentados em idéias pré-estabelecidas, mas em reflexões e vivências.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras – UFPB.

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Letras – UFPB.

## **Análise do livro *O gato e o escuro***

A infância é o momento das primeiras (e grandes) descobertas em relação ao mundo e a si próprio e também de reflexões e formações de conceitos que podem mudar a nossa percepção de identidade pessoal e a interação com os outros seres no mundo que nos rodeia. Segundo Miguez (2000, p. 19) a leitura é um processo de descoberta constante de um sentido entre o leitor e texto, a literatura infantil possibilita à criança uma percepção crítica da realidade, constituindo-se, desse modo, como sujeito. Conforme afirma Machado (2001, p. 77), "ler ficção é um ato político, porque, assim, como a poesia, também os romances e contos (e mais os filmes, as peças, as novelas) nos obrigam a entrar na pele de um outro e entender seus motivos, nos acostumando a uma aceitação intrínseca da diversidade". O ato de ler ficção proporciona uma nova forma "de ler, ver e sentir o mundo", por isso a necessidade de se trabalhar com uma literatura (trans)formadora, em que os conceitos são questionados e a criança pode ampliar seus valores éticos e estéticos.

Assim, o livro *O gato e o escuro*, de Mia Couto, publicado pela editora Companhia das Letrinhas, em 2008, tem em sua construção uma carga subjetiva muito forte. As ilustrações de Marilda Castanha podem ser entendidas como um texto à parte, que dialogam com o conto de Mia Couto, criando, assim, uma linguagem metafórica que remonta às culturas africanas.

Contada num tom coloquial e repleta de neologismos, a história que parece à primeira vista destinada a criança, segue um forte viés lírico marcado pelo encantamento presente nas frases, ritmo e cadência, conquista também o público adulto. Mas de acordo com Machado (2001, p.88) "A literatura - infantil, juvenil, adulta ou senil, esses adjetivos não têm importância - é constituída por textos que rejeitam o estereótipo. Ler literatura, livros que levam a um esforço de decifração, além de ser um prazer é um exercício de pensar, analisar, criticar. Um ato de resistência cultural". Para Mia Couto não se escreve "para" crianças, ou "para" adultos; todavia, no ato da escrita há a possibilidade de "surpreender tanto a escrita como a língua em estado de infância" (COUTO, 2008, p.4).

É perceptível a relação isomórfica entre o texto escrito e as ilustrações: na página 7 (ao abrir o livro) encontra-se a imagem de um livro aberto, e em cima dele um gato preto, anunciando o início da história. Ao fundo da ilustração, temos uma árvore grande e frutífera em um espaço que parece um "campo de livros", convidando o leitor a sentar e escutar a narrativa – apresentando marcas da oralidade; cultura muito presente na tradição africana, em que os mais velhos contavam suas experiências aos mais novos. Confirmando essa proposta de leitura da ilustração, o primeiro trecho do enredo é "Vejam, meus filhos, o gatinho preto sentado no cimo desta história", em que narrador e obra aproximam-se do leitor de modo familiar, e o narrador transporta uma imagem de ancestral, mantendo um estreitamento com a definição de *camponês sedentário*, de Walter Benjamin, presente na teoria do narrador, e descrito como aquele que carrega o saber do passado e está disposto a repassar "suas histórias e tradições".

O livro narra a história do gato Pintalgo, cuja cor era originalmente amarela, e por virtude de sua curiosidade desobedeceu a mãe e realizou seu desejo de passar da linha do pôr do sol e conhecer o escuro, e devido ao susto de conhecer esse outro lado do dia, se metamorfoseou de preto. A mãe gata acalenta esse gato-filho, o escuro humanizado, mostrando-o que medo do escuro é na verdade o medo que temos das coisas que inventamos e colocamos no nosso "escuro-particular". Com o afago da mãe-

gata, o escuro passa a sentir ser corpo e ver seu dorso com as cores do arco-íris. Pintalgo reconhece nos olhos da mãe a existência desse gato preto, o escuro, seu irmão.

A simbologia da mudança de cores, presente em outros livros da literatura infantil, como por exemplo em *Chapeuzinho Amarelo* de Chico Buarque de Holanda, onde a personagem perde a cor rubra ao encontrar com o Lobo Mau e ter um susto. No caso do gato Pintalgo, o susto ocasionado pelo contato com o desconhecido que causa medo, repulsa e ao mesmo tempo seduz e desperta o desejo de transgredir os limites, causa a mudança de cor. O desconhecido não é, no entanto, desprovido de uma idealização, seja ela positiva ou negativa, da qual decorre as expectativas do encontro. Pintalgo por ter esse desejo de transgressão castrado pela mãe que tenta coibir o conhecimento do outro lado do dia, gera em torno do proibido idealizações do perigoso, fazendo coexistir o medo, a repulsa, e a sedução daquilo que desperta o desejo puro da transgressão.

A possibilidade de quebra dos valores estabelecidos pela mãe gera cobiça ao Pintalgo, ao passo que o limite a ser ultrapassado é descrito como um alguém a quem o gatinho deseja conquistar, equiparando-se a uma paquera (“*Namoriscando o proibido, seus olhos pirilampiscavam*”). A desmistificação do proibido se dá no momento em que Pintalgo experimenta ir além da(s) fronteira(s) e conhecer a noite: o escuro, o não-visível, o desconhecido.

Ao desejar passar para o outro lado do pôr do sol, Pintalgo deseja metaforicamente ultrapassar os limites das formas binárias do conhecimento, tais como o bem-mal, certo-errado, verdadeiro-falso. As trevas metaforizam o inconsciente, lado dos sonhos e desconhecido pelo homem, portanto temido. A ação de colocar as patas no escuro e ficar por completo negro representa a busca de si mesmo e de ver sua imagem refletida no Outro, como uma completude, e não mais como uma relação binária.

A mãe-gata reconhecendo na escuridão o filho, o acalenta e mostra que no escuro que é o inconsciente, estão as coisas que inventamos, ou seja, que pertencem a nós, não havendo portanto motivo para temê-las, mas para desejar conhecer profundamente. O medo do desconhecido é influenciado por uma idéia pré-existente em relação ao mesmo. Esse preconceito, tomado enquanto “[De *pre-* + *conceito*.] 1. Conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos; idéia preconcebida” (FERREIRA, 1999) influencia o comportamento dos seres humanos de forma consciente e/ou inconsciente em relação ao ser previamente rotulado.

Ao se perceber escuro, a primeira reação do gatinho é desespero. Se mostrando como um igual, o escuro conversa e tenta acalmá-lo, indicando a fragilidade em que carrega por ter “olhos negros em corpo negro”. Próximo ao que propõe Fanon, ao descrever a situação do africano ser um “estrangeiro em sua própria terra”, no livro *Peles Negras, Máscaras Brancas*, a propagação dos preconceitos em relação à cor negra faz com que pessoas negras sintam-se estrangeiras em seu próprio corpo: não se aceitam, e não se reconhecem a partir da cor – resultado de uma colonização cristã e opressora que doutrina a cor escura na cultura ocidental com uma representação negativa e discrimina as culturas e tradições africanas, acarretando a necessidade dos negros sofrerem o processo de “branqueamento” social, com o intuito de se afastar da margem, conseqüente da perpetuação da inferioridade por conta da cor escura, como acontece com o escuro, no livro. Em meio a esse descontentamento do escuro, por conta de sua cor, a mãe de Pintalgo consola-o:

- Sou feio. Não há quem goste de mim.
- Mentira, você é lindo. Tanto como os outros.

- Então por que eu não figuro no arco-íris?
- Você figura no meu arco-íris.
- Os meninos têm medo de mim. Todos têm medo do escuro.
- Os meninos não sabem que o escuro só existe é dentro de nós.
- Não entendo, Dona Gata.
- Dentro de cada um há o seu escuro. E nesse escuro só mora quem lá inventamos. Agora me entende?
- Não estou claro, Dona Gata.
- Não é você que me te medo. Somos nós que enchemos o escuro com nosso medos. (COUTO, 2008, p.25)

Fazendo uma ponte com o livro infanto-juvenil, *O Menino Marrom*, de Ziraldo Alves Pinto, em que o enredo oferece reflexões acerca da cor preta, o trecho acima permite algumas indagações, como: existe realmente a cor escura? Como podemos vê-la? Onde encontrá-la? A partir de algumas respostas dessas perguntas, a mãe gata amplia as perspectivas e reconstrói as verdades concebidas sobre o escuro e pelo o escuro, revertendo símbolos e estereótipos encontrados em alguns discursos sobre a cor. Segundo Santos e Wielewicki (2009, p.345), sobre a literatura negra transgressora, “a cor preta – cujo referencial remete a imagens de luto, medo, trevas – passa a representar a brasa, a força, a harmonia e o belo negro”. Assim acontece com o escuro, que passa a se ver e ser visto como lindo. Uma das marcas da literatura negra transgressora nesse conto-poema de Mia Couto está expressa na passagem em que após se queixar para mãe gata (conforme demonstra o diálogo supracitado), o escuro, que dizia não figurar no arco-íris, adormece em meio a tantas carícias. Ao acordar ele se depara com as costas das sete cores do arco-íris, como ilustra a passagem a seguir: “Quando despertou viu que as suas costas estavam das cores todas da luz. Metade do seu corpo brilhava, *arco-iriscando*.” (COUTO, 2008, p.26).

Há uma inversão, onde o preto que não figurava no arco-íris tem as sete cores na metade do seu corpo – sendo metade colorido e brilhoso e metade preto. Esse outro ponto de vista apresentado em relação à ausência da cor preta no arco-íris insere uma perspectiva de inclusão e contribui para auto-estima do negro. Em oposição à idéia de exclusão e de minoria, o negro agora representa um universo no qual o arco-íris se insere, sendo, portanto, equivalente proporcionalmente à união de todas as cores.

A ditadura quase silenciosa do cristianismo, que difundiu suas idéias significativamente durante o processo de invasão e colonização, construiu no imaginário social uma representação do preto enquanto pólo negativo da sociedade, representado tanto em coisas abstratas quanto em seres. O preto representa, por conseguinte, trevas em oposição ao paraíso. Essa referencia gera, na *práxis* o atrelamento do negro a figuras diabólicas, indesejáveis, pecaminosas.

A representação do arco-íris trás consigo, ainda devido à imposição da religião cristã, uma referência ao divino, sendo um sinal dado por Deus a Noé, de tranquilidade e equilíbrio, pois a inundação que havia coberto a Terra já tinha cessado. A metáfora de inserção do arco-íris na pele negra do gato-escuro dá uma dimensão de grandeza e de coexistência do preto, correspondente à proporção da união de todas as cores. O preto ocupa, portanto, o lugar destinado ao branco, tido como a “união de todas as cores”. O que antes era discriminado por um discurso religioso que o tomava como demoníaco, é representado como coexistente e com a mesma proporção do arco-íris. Há uma quebra na perspectiva negativa que envolve a cor negra, que ganha a visibilidade equivalente a todas as cores.

Pintalgato precisou quebrar as regras e limites impostos pela mãe para conhecer seu preconceito em relação ao escuro e, dessa forma construir um autoconceito. Conhecendo o escuro, que representa o Outro, desconhecido e prejudicado, o gato desenvolve uma relação de completude e não de dualidade com esse Outro (que também é ele) como um igual que faz parte da sua existência. Esse reconhecimento está ilustrado na alegoria do reflexo da sua imagem no escuro do olho da mãe-gata.

A reflexão sobre a importância do rompimento de conceitos pré-fabricados foi uma das motivações do texto, como conta Mia Couto na apresentação do livro: Espero que o gatinho que habita estas páginas possa afastar idéias escuras que temos sobre o escuro. A maior parte dos medos que sofremos, crianças e adultos, foi fabricada para nos roubar curiosidade e para matar a vontade de querer saber o que existe além do horizonte.

Esta é uma história contra o Medo. (COUTO, 2008, p. 4)

### **Considerações finais**

A leitura da literatura enquanto ato político, como se refere Machado (2001), propicia a transposição de vivências e a possibilidade da construção de um ponto de vista que leve em consideração a outra face da história, um outro olhar sobre a vida. A infância enquanto momento que suscita descobertas e construção de conceitos que podem perdurar vida inteira, direcionando as ações e as percepções em relação ao mundo e aos seres, pode também desconstruir idéias arraigadas na nossa cultura. A literatura se configura como ponte para a reflexão e construção de conceitos próprios que considerem outros pontos de vista.

O gato e o escuro é uma obra que não se destina apenas ao público infantil, mas o contempla também devido à linguagem e às metáforas utilizadas. Aproximando-se da fábula, o conto-poema trás uma linguagem marcada por neologismos e que introduz a visão de uma inovação e transgressão que se pretende tanto pela forma quanto pelo conteúdo.

A própria transgressão tida como desobediência é marca da infância, onde tudo é novidade e necessita ser explorado. Esse estreitamento com a realidade do público infantil gera uma identificação com o personagem principal, o gato Pintalgato, símbolo também de perspicácia, curiosidade e divertimento. É levada por essa identificação que as crianças passam a repensar seus conceitos e preconceitos e refletir sobre a inconsistência ou não deles, levando assim a uma reconstrução, guiada por essa literatura transformadora.

### **REFERÊNCIAS**

- BENJAMIN, W. O Narrador. In: *Textos Escolhidos*. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1983.
- Brasil. *Superando o Racismo na Escola*. 2ª edição revisada / Kabengele Munanga, organizador. - [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- CAVALLEIRO, Eliane. *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*
- COUTO, Mia. *O gato e o escuro*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. 1952
- MACHADO, Ana Maria. *Texturas: sobre leituras e escritos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- MIGUEZ, Fátima. *Nas arte-manhas do imaginário infantil: o lugar da literatura na sala de aula*. Rio de Janeiro: Zeus, 2000.

SANTOS, C.R.; WIELEWICKI, V.H.G. Literatura de autoria de minorias étnicas e sexuais. In: Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. BONNICI, T.; ZOLIN, L.O.(Orgs.) Maringá: EDUM, 2009.

SECCO, Carmem Lucia Tindó Ribeiro. *Mia Couto: o outro lado das palavras e dos sonhos*

ZIRALDO. *O Menino Marrom*. 29ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 2004.